

SERIAM OS HOMENS ETERNOS ICEBERGS?

Trabalho de Licenciatura

Fevereiro 2008

Ubirajara Theodoro Schier

Acadêmico do curso de especialização em Psicologia Transpessoal,
na Universidade Internacional da Paz (UNIPAZ), Brasil
ubirajara@advensys.com.br

Orientador:

Mauro Pozzatti

Professor Orientador e Diretor da Unipaz Sul. Médico. Doutor em Educação e docente no Departamento de Medicina Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Brasil

RESUMO

Neste estudo apresentamos uma reflexão acerca dos limites da capacidade do ser humano de se conhecer e mudar a si mesmo através de uma analogia com a metáfora do iceberg. Através desta metáfora, é explorado o entendimento da estrutura psicológica do ser humano, buscando assim, encontrar os meios e as condições em que se torna ou não possível a mudança consciente do ser humano acerca de si mesmo. Pretende-se assim, compreender mais a respeito da realidade humana, a fim de nos situarmos até que ponto nossa existência depende ou não única e exclusivamente de nossas escolhas e até que ponto sofremos a influência daquilo que não conhecemos a nosso respeito. Este artigo é, enfim, uma busca de uma compreensão de nós mesmos.

Palavras-chave: Mudança, estrutura psicológica, realidade humana, auto-conhecimento

As analogias, ou metáforas, são de grande utilidade para que possamos compreender mais facilmente alguma coisa cujo entendimento por meio da razão torna-se difícil e que requer, na maioria das vezes, um estudo aprofundado do assunto. Quando nos perguntamos se “Seriam os homens eternos icebergs?”, estamos querendo saber a respeito do comportamento do ser humano e sua mutabilidade ao longo de sua existência. De fato, podemos concordar que se trata de algo de difícil entendimento e que, por isso, a busca desse entendimento parte de uma comparação entre o comportamento do ser humano e um elemento da natureza, o iceberg. Mas por que afinal

o iceberg? Pois se trata de um elemento da natureza que o conhecemos bem, principalmente pelo fato de sua existência ser aparentemente mais simples que a do homem: eles se desprendem das geleiras e seguem seu rumo pelo oceano até que derretam completamente. Da mesma forma o homem, pois este nasce, cresce e morre. Parece-nos natural este ciclo, pois é o ciclo existencial também de muitos outros seres vivos. A questão em si, que realmente parece-nos preocupar não é efetivamente se nosso ciclo existencial será eternamente igual ao de um iceberg, pois este o será. Mas de fato, o que realmente nos intriga é se, em nossa existência, mudamos e sofremos alterações tanto quanto um iceberg em sua existência. Sabemos que um iceberg, após se desprender de uma geleira, vaga pelo oceano, na medida em que o mesmo derrete e desaparece por completo. Será de fato a existência humana limitada a ser eternamente tão previsível quanto à existência de um iceberg? Não haverá nada de fato que nos permita sermos mais do que está previsto que sejamos? Ou seja, se de fato, estamos fadados a sermos eternos icebergs?

Quando nos perguntamos se “Seriam os homens eternos icebergs?”, estamos partindo de uma associação entre o homem e o iceberg. Nesta associação, existem elementos que constituem o iceberg que precisam ser analisados. Um destes principais elementos é o próprio iceberg. O iceberg é constituído por duas partes essenciais: uma que fica acima do nível d’água, a que chamaremos de parte emersa, e outra que fica abaixo do nível d’água, a que chamaremos de parte submersa. Esta é uma das características mais significativas do iceberg, pois geralmente estamos acostumados a nos lembrar apenas da imagem referente à parte emersa do iceberg. Como nossa visão nos limita a enxergarmos apenas muito pouco através da água, dificilmente temos a lembrança de uma imagem referente à parte submersa do iceberg. Entretanto, podemos dizer que ambas as partes são importantes e que, principalmente, temos que passar a dar uma maior atenção à parte submersa, justamente àquela que geralmente temos a tendência de ignorar. Existe uma lógica que é constante entre a parte emersa e a parte submersa do iceberg. Essa lógica é definida pela natureza dos elementos físicos e químicos que constituem o iceberg e determina que a proporção da parte emersa é, e sempre será, de 1/9 do volume total do iceberg. Em contrapartida, a proporção da parte submersa do iceberg é, e também sempre será de 8/9 do volume total do iceberg. Se considerarmos esta lógica sob o ponto de vista do homem enquanto ser terrestre, podemos afirmar, portanto, que 1/9 do volume do iceberg estará sempre visível acima do nível do mar, enquanto que os 8/9 restantes de seu volume, estarão sempre submersos e muito pouco visíveis abaixo do nível do mar. Sem fazer uso de equipamentos especiais, essa lógica também nos assegura que poderemos conhecer, através de nossa visão, apenas 1/9 da natureza do iceberg. Os 8/9 restantes serão, para nós, algo que não podemos conhecer profundamente sem fazer uso da tecnologia. Nossa visão é, para este fim, limitada.

Mas que relação poderia existir entre a lógica de proporção do volume entre as partes emersa/submersa do iceberg e ser humano? Para encontrarmos uma relação consistente entre esses elementos, é importante considerar o ponto de vista do homem enquanto ser terrestre. Sob este ponto de vista, uma pequena parte do iceberg estará sempre visível e, portanto,

caracterizando um objeto pelo qual podemos conhecer através de nossos sentidos. Também sob este ponto de vista haverá, em contrapartida, uma grande parte do iceberg que estará submersa, caracterizando um objeto pelo qual não podemos conhecer através de nossos sentidos. Podemos dizer assim, que a parte emersa do iceberg é para o homem algo conhecido, enquanto que a parte submersa do iceberg é algo desconhecido. Avaliando estas características, podemos então perguntar se o homem é, em sua natureza psíquica, conhecedor pleno de si? Fora raras exceções, tais como Buda e Cristo, responderíamos negativamente a esta pergunta com toda segurança. Mas que graça haveria a existência do homem se este já soubesse como agir em todas as circunstâncias? Ou se o mesmo já soubesse que escolhas e decisões tomar em qualquer situação? Ou então se o mesmo já tivesse respostas para todas as suas perguntas? Da mesma forma que o iceberg, portanto, o homem também é constituído de uma parte que o mesmo reconhece em si e, outra, que o mesmo desconhece de si. Mas e qual seria a relação entre estas partes? Metaforicamente podemos entender que a proporção entre as partes emersa e submersa do iceberg, de 1/9 para 8/9, significa que sempre haverá uma parte maior submersa (desconhecida) em relação à parte emersa que será sempre menor (conhecida). Avaliando essa proporção, não teríamos problemas em afirmar que o homem também será sempre muito mais desconhecedor do que conhecedor de si mesmo e, por isso, podemos dizer que a natureza do homem acerca do conhecimento de si mesmo funciona da mesma forma que a lógica do iceberg.

Outro elemento que devemos levar em consideração, ao associarmos o homem aos icebergs, é o oceano. O oceano é um elemento que não constitui o iceberg, mas, por outro lado, é o meio através do qual o iceberg existe. Assim, da mesma forma que o iceberg não poderia existir sem o oceano, precisamos levar em consideração este elemento quando comparamos os homens à icebergs. Para o iceberg, o oceano é o meio que está em contato com a parte submersa do iceberg em função da relação entre as características físicas e químicas do iceberg com as do oceano. Isso ocorre, mais especificamente, porque a densidade do gelo é menor que a densidade da água. Forma-se, portanto, uma relação em que uma parte do iceberg ficará sempre submersa e em contato com o oceano. Nesta relação, portanto, 8/9 do iceberg se encontram sujeitos às condições do meio. Nessa segunda lógica do iceberg, verifica-se que as condições do oceano podem direcionar, através de suas correntes marítimas, a direção para a qual o iceberg se moverá. Sem que seja necessário entendermos das características naturais e climáticas em torno do iceberg e dos oceanos, podemos afirmar que a influência de oceano que age sobre 8/9 do iceberg é, logicamente, muito mais forte do que qualquer outra condição natural que possa agir sobre a parte 1/9 do iceberg que fica emersa. Podemos dizer assim que o oceano, embora não seja um elemento que constitui o iceberg, é um elemento que age sobre 8/9 do mesmo e que, por isso, têm condições de determinar variáveis que definem muito a respeito do iceberg. Estas características definem, principalmente, em que direção e velocidade o iceberg se moverá e que estas características são externas ao iceberg, são de domínio do oceano.

Para associarmos a segunda lógica do iceberg com a natureza humana, precisamos

primeiramente reconhecer que, fora raras exceções como Buda e Cristo, o homem não consegue responder com clareza e convicção as perguntas mais importantes conhecidas: Qual o sentido da vida? Para onde vamos? Por que estamos aqui? Neste sentido, podemos dizer que é natural do ser humano fazer estas perguntas. Na segunda lógica do iceberg, temos um elemento externo ao mesmo que é quem determina, analogamente, as respostas para as mesmas perguntas: para onde o iceberg vai? Por que às vezes ele se move e às vezes permanece parado? Porque às vezes se move rapidamente e outras, muito lentamente? O homem por sua vez, se move em determinada direção com determinada velocidade, mas também este pode se perguntar: por que nesta direção? Porque as coisas acontecem assim nesta velocidade e não mais rápido? Por que as coisas são sempre como estão? Percebemos aí que tanto o homem quanto o iceberg possuem perguntas muito semelhantes. No iceberg, nós que estamos de fora, podemos notar que é o oceano quem determina a direção e a velocidade do iceberg. Entretanto o homem, por sua vez, não tem condições de perceber aquilo que determina sua direção e velocidade. O homem apenas sabe que se trata de algo que ele não conhece, e esta é a única certeza que ele tem. Semelhante ao iceberg, é algo que age sobre a parte do homem que ele desconhece, e que, por isso, só algo além da experiência da natureza humana poderia afirmar quem ou o quê seria o nosso “oceano”. O importante, portanto, é que temos elementos suficientes que nos permitem associar o iceberg e o homem segundo uma lógica que nos diz que tanto o iceberg quanto o homem, em suas naturezas, têm sua direção e velocidade determinadas por algo que lhes é desconhecido e que age sobre a parte que ambos desconhecem de si mesmo.

Precisamos avaliar agora, ao nos questionarmos se “Seriam os homens eternos icebergs?”, se as lógicas apresentadas são consistentes o suficiente para que possamos afirmar a existência de uma lógica inicial de uma associação entre o homem e o iceberg. Vimos que a lógica das partes emersas e submersas do iceberg, bem como a lógica representada pelo elemento oceano, encontra elementos e características comuns na lógica da natureza humana. Por esta razão, podemos afirmar que a natureza do homem assemelha-se à natureza do iceberg em dois pontos logicamente relacionados:

1. Tanto o iceberg quanto o homem são formados por uma parte é conhecida e por outra parte que é desconhecida. A parte desconhecida é sempre muito maior que a parte conhecida;
2. Tanto o iceberg quanto o homem são governados por algo que é de domínio da parte que é desconhecida.

A respeito desta associação, Jung (2006) caracteriza a psicologia humana como dividida entre os conteúdos conscientes e inconscientes. Formam os conteúdos conscientes aqueles que são de conhecimento da psique e, inconscientes, aqueles conteúdos que foram reprimidos pela consciência, e que assim, em vez de se tornarem conscientes (conhecidos), formam um “depósito” de conteúdos inconscientes que foram negados e ignorados pela consciência

(desconhecidos). Em relação aos conteúdos inconscientes, especificamente, verificamos em Jung (2005) a existência de uma nova divisão dentro dos conteúdos ditos inconscientes: o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. JUNG (2005, p.69) refere-se aos conteúdos do inconsciente pessoal e coletivo como:

Mencionamos anteriormente o fato de o inconsciente conter como que duas camadas: uma pessoal e outra coletiva. A camada pessoal termina com as recordações infantis mais remotas; o inconsciente coletivo, porém, contém o tempo pré-infantil, isto é, os restos da vida dos antepassados.

O inconsciente coletivo, que foi também apontado mais especificamente em JUNG (2000, p.53) como:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade.

Em Jung (2006) também encontramos a relação de proporção existente na lógica do iceberg: a lógica em que a parte desconhecida é sempre muito maior que a parte conhecida. Como JUNG (2006, p.53) coloca:

Na medida do alcance de nossa experiência atual, podemos dizer que os processos inconscientes se acham numa relação compensatória em relação a consciência. Uso de propósito a expressão “compensatória” e não a palavra “oposta”, porque consciente e inconsciente não se acham necessariamente em oposição, mas se complementam mutuamente, para formar uma totalidade: o si -mesmo (Selbst). De acordo com esta definição, o si -mesmo é uma instância que engloba o eu inconsciente. Abarca não só a psique consciente, como a inconsciente, sendo, portanto, por assim dizer, uma personalidade que também somos. É impossível chegar a uma consciência aproximada do si -mesmo, porque por mais que ampliemos nosso campo de consciência, sempre haverá uma quantidade indeterminada e indeterminável de material inconsciente, que pertence à

totalidade do si mesmo. Este é o motivo pelo qual o si -mesmo sempre constituirá uma grandeza que nos ultrapassa.

Em CASTANEDA, encontramos as partes conhecidas e desconhecidas como classificadas entre TONAL e NAGUAL, conforme segue:

- O tonal é tudo o que somos – prosseguiu ele. – Qualquer coisa. Tudo que tem um nome é o tonal. E como o tonal é seus próprios atos, então tudo, obviamente, terá de cair sob seu domínio. (1974, p.111).

- O tonal é tudo o que sabemos – repetiu ele devagar. – E inclui não apenas nós, como pessoas, mas tudo em nosso mundo. Pode-se dizer que o tonal é tudo o que aparece à vista. Começamos a cultivá-lo no momento do nascimento. No momento em que aspiramos nossa primeira golfada de ar também aspiramos ao poder para o tonal. Assim, é válido dizer que o tonal de um ser humano está intimamente ligado ao seu nascimento. É preciso lembrar esse ponto. É de grande importância para se compreender tudo isso. O tonal começa no nascimento e termina com a morte. (Idem, p.112).

- O nagual é a parte de nós com a qual não lidamos de todo.

- O nagual é a parte de nós para a qual não existe descrição – nem palavras, nem nomes, nem sensações, nem conhecimento. (Idem, p.114).

- O nagual está ali – disse ele. – Ali, rodeando a ilha. O nagual está ali, onde paira o poder. Sentimos, desde o momento em que nascemos que existem duas partes em nós. No momento do nascimento, e durante algum tempo depois, somos todos nagual. Depois que sentimos que, a fim de funcionar, precisamos de um complemento ao que temos. Falta o tonal e isso nos dá, desde o início, uma sensação de deficiência. Aí o tonal começa a desenvolver-se e torna-se muito importante para o nosso funcionamento, tão importante que ofusca o brilho do nagual, dominando-o. Desde o momento em que nos tornamos completamente tonal, não fazemos outra coisa senão incrementar aquele antigo sentimento de deficiência que nos acompanha desde o momento de nosso nascimento, e que nos diz incessantemente que há outra parte para completar-nos. (Idem, p.115).

Já Rhoden (2004) refere-se à existência humana como uma revelação de uma Causa infinita em causados (efeitos) finitos. Nesta definição, a Causa é algo que transcende o homem e, por isso, algo sobre que nós nada sabemos. A Causa, ou o Todo Infinito, se manifesta assim parcialmente na forma da existência humana finita, mas que existe, essencialmente, em todas as partes de existências finitas:

Com efeito, a Realidade Total é tanto Ser como Devir, Passiva e Ativa, Inconsciente e Consciente, Dativa e Receptiva. A Divindade e os mundos não são duas realidades disjuntivas e separadas; é uma Realidade, que, como o Real, é a Causa causante e invisível, e, como Realizado, é o Efeito causado e visível. (RHODEN 2004, p.58)

Essencialmente, é verdade, a Divindade está toda no mundo e em qualquer das suas parcelas; mas existencialmente se revela nelas apenas parcialmente; a sua presença essencial é total, mas a sua manifestação existencial é parcial, porquanto, "o recebido está no recipiente segundo a capacidade do recipiente"; a finitude do recipiente limita a infinitude do recebido -limita-o em sua imanência existencial e não em sua transcendência essencial. (Idem, 2004, p.59)

Acerca dos estudos de Jung, Castaneda, e Rhoden, percebemos que, portanto, podemos partir da pré-existência de uma associação entre o iceberg e os humanos, e estabelecer as seguintes conexões, conforme apresentado na tabela 1 abaixo:

Iceberg	Homem	Jung	Castaneda	Rhoden
A parte emersa do iceberg	Parte que conhecemos	Consciente	Tonal	Realizado (imanente)
A parte submersa do iceberg	Parte que desconhecemos	Inconsciente Pessoal	Nagual	Real (transcendente)
O oceano	Parte que desconhecemos	Inconsciente Coletivo	Nagual	Real (transcendente)

Tabela 1

Notamos nestas relações estabelecidas, que a classificação de Jung, acerca da distinção do inconsciente entre pessoal e coletivo é a mais apropriada para nosso entendimento da associação entre o iceberg e os humanos. A distinção feita por Jung, “casa” perfeitamente com a lógica do iceberg: o inconsciente pessoal, que se refere aos conteúdos negados referentes à nossa história pessoal, que mesmo desconhecida, é ainda algo particular e faz parte única e exclusivamente de nossa existência; e o inconsciente coletivo, parte que nos direciona, nos é da mesma forma desconhecida, mas diz respeito aos conteúdos passados e ocorridos além de nossa existência, de nossa história pessoal. Não encontramos nas obras pesquisadas de Castaneda e Rhoden, uma distinção específica que faça referência particular a parte que desconhecemos acerca de nossa história pessoal e outra que se refira à parte que desconhecemos que está além e transcende nossa história pessoal. Para Castaneda e Rhoden, portanto, tanto a parte submersa do iceberg quanto o oceano, são considerados um Todo desconhecido que agrupa tanto o desconhecido referente à

nossa história pessoal, quanto ao desconhecido que transcende nossa história pessoal. Independentemente de não havermos encontrado uma distinção específica sobre a parte desconhecida para Castaneda e Rhoden, consideramos mesmo assim válido o conceito dos autores para nossa analogia com a lógica metafórica do iceberg. Entretanto, por Jung ter apresentado um conceito que faz uma representação que estruturalmente pode ser utilizada exatamente com a tal lógica, poderemos muitas vezes utilizar os termos de Jung (inconsciente pessoal e coletivo) como termos representativos da parte submersa do iceberg e do oceano (parte desconhecida).

Uma vez que nos é claro um entendimento dos elementos que nos permitem estabelecer uma associação segura entre o iceberg e o homem, é preciso agora passar a avaliar se, nas circunstâncias da associação estabelecida, se: estaria o homem condenado a ser eternamente um iceberg flutuando à deriva do oceano ou, então, se haveria uma alternativa para que ele assumisse a governabilidade de sua existência? Pela lógica do iceberg, conforme as duas relações estabelecidas entre o mesmo e o ser humano, verificamos que ambos são governados por algo que lhes é desconhecido: para o iceberg, o oceano; e para o homem, tudo aquilo que determina suas possíveis alternativas de escolhas em determinado momento e instante. Outro fator, porém, surge como uma dúvida: qual a influência nas nossas atitudes sobre aquilo que desconhecemos, ou, adotando os termos de Jung: qual a influência de nossas atitudes conscientes sobre o nosso inconsciente? Haveria aí uma forma de, conscientemente, agirmos sobre nosso inconsciente e tomarmos as rédeas de nossas existências? Ou seja, se a direção para onde estamos indo, e a velocidade com que estamos indo, são fatores definitivamente fora de nossa área de influência? Ou, então, se existiria outra perspectiva comum em que seja possível fazermos algo de maneira consciente e dentro do domínio daquilo que conhecemos? É preciso, portanto, explorar de forma mais aprofundada a lógica do iceberg, mas agora buscando também, através da associação já consistentemente estabelecida entre o homem e o iceberg, semelhanças e diferenças entre ambos que possam nos levar a respostas. No homem, será preciso assim explorar o processo pelo qual a parte conhecida interage com a parte desconhecida e analisar se este processo é semelhante ou não entre o homem e o iceberg a fim de que, assim, possamos qualificar as reflexões acerca de nossa questão: “seriam os homens eternos icebergs”.

Um passo que podemos adotar para qualificar a posição de abertura às possibilidades dessa indagação seria avaliarmos a dualidade conhecido/desconhecido na lógica existente entre o iceberg e o homem. Nesta lógica, vimos elementos que estão dissociados um do outro, o conhecido do desconhecido; e até mesmo no próprio desconhecido, aquilo que se refere à nossa história pessoal e o que se refere além desta.

Vimos também, que segundo a lógica inferida à metáfora do iceberg, que aparentemente não existem meios para que, a partir do ponto de vista do conhecido venha a se saber sobre o desconhecido. Embora isso permita uma lógica aceitável, este o é sob o ponto de vista da dualidade conhecido/desconhecido. Ou seja, quando procuramos por respostas considerando o

conhecido como sendo um domínio e o desconhecido como sendo outro domínio, percebemos que, mesmo ambos formando um domínio maior aos quais ambos pertençam, estamos procurando por respostas observando sempre a partir do ponto de vista de um dos domínios. Observando sob este domínio, encontramos as possibilidades que nos sugerem a responder sim à pergunta se nós, os humanos, seriam eternos icebergs. É por isso que, se buscamos qualquer outra resposta que diferente de sim a esta pergunta, a primeira coisa que devemos fazer é questionar a dualidade conhecido/desconhecido a partir do que estamos fundamentando nossos pensamentos e observações. Se procurarmos ir além dessa dualidade, assumiremos como possibilidade a busca de algo que seja comum à dualidade, algo que exista nos domínios do conhecido e também do desconhecido. Será que podemos encontrar algum elemento que esteja além dessa dualidade, ainda dentro da nossa lógica derivada iceberg? Será que se fundamentarmos um novo ponto de vista a partir de um elemento comum ao conhecido e ao desconhecido não estará abrindo nossa visão a outras possibilidades e perguntas que nos levem a novas respostas?

Em busca desse elemento, além da dualidade conhecido/desconhecido, encontramos também no iceberg o elemento água. Diferente da relação entre o iceberg e o oceano, a água é um elemento que constitui propriamente o iceberg. No iceberg, a mesma é um elemento que pode ser percebida também em sua parte emersa. Se fosse possível ao próprio iceberg realizar alguma ação, este então poderia interagir com uma parte de si mesmo, na parte emersa do iceberg, deixando-a derreter e verificar então, do que ele próprio é constituído. A situação é fictícia, mas podemos usar esta analogia uma vez que a água se apresenta na parte visível e conhecida do iceberg. A parte submersa, da mesma forma, também é constituída pelo mesmo elemento água que encontramos na parte emersa do iceberg. Entretanto, esta mesma água não é percebida de igual maneira pelo iceberg: enquanto era possível tomar conhecimento da água, quando localizada em sua superfície, agora, na parte submersa e desconhecida, o iceberg conseqüentemente não consegue perceber a existência desta água, pois ela se encontra no domínio daquela parte de si mesmo que lhe é desconhecida. Nesta terceira lógica relacionada ao iceberg encontramos um elemento comum existente tanto na parte emersa, visível e conhecida, quanto na parte submersa, desconhecida e não-visível do iceberg. Nessa lógica, apesar do mesmo elemento ser comum a ambas as partes, o iceberg só tem condições de reconhecer a parte da água que compõe sua parte emersa. Ele não sabe que o mesmo elemento que compõe aquela parte que é de seu conhecimento, compõe também, em sua essência, a parte que lhe é desconhecida. Ainda pertencendo ao domínio do que lhe é desconhecido, também o oceano é constituído de água. O iceberg, portanto, desconhece que água que o constitui em sua superfície é a mesma água que constitui sua parte submersa e, também, o meio que governa sua existência.

Mas de que forma, então, a terceira lógica do iceberg poderia ser associada à natureza humana? Que elemento poderia constituir o homem, tanto em sua parte conhecida quanto em sua parte desconhecida? Da mesma forma como o iceberg não tem condições de reconhecer a água

em sua parte submersa, também o homem, não teria condições de identificar um elemento que pudesse constituir o conhecimento que ainda falta a si mesmo. Para isso seria necessário tornar conhecido o desconhecido para que, então, seja possível identificar qualquer elemento constituinte. Não temos condições de olharmos para nós mesmos chegando á conhecimentos acerca de quais elementos comuns poderiam constituir aquilo que conhecemos e que desconhecemos sobre nossa natureza psíquica. Infiro que seja por isso que sabemos sobre a água porque podemos observar o iceberg e seus elementos constituintes. Nós sabemos que os icebergs e os oceanos são constituídos de água porque podemos observá-los. Entretanto, se olharmos esta lógica do mesmo ponto de vista do iceberg, somente a parte emersa pareceria ser constituída de água. Na natureza humana poderíamos da mesma forma chegar a algum elemento constituinte da parte que conhecemos de nós mesmos, mas, nos parece ser improvável a certeza de que este mesmo elemento constitui também aquilo que desconhecemos a nosso respeito. Assim, diferente das duas lógicas esboçadas anteriormente, a lógica não nos permite formar qualquer associações entre o elemento água presente no iceberg com outros elementos semelhantes existentes na natureza humana. Parece-nos tratar, portanto, de uma aplicação lógica válida e possível de ser traçada pela capacidade humana de estabelecer conexões, observações, estudos e fundamentalmente aprender com elas. Por outro lado, também é importante reconhecermos o fato de que, por não termos condições de perceber e reconhecer alguns elementos que possam constituir aquilo que conhecemos e, ao mesmo tempo, desconhecemos de nós mesmos, não implica necessariamente que seja descartada a possibilidade de existência deste elemento.

Em Jung (2006) e Stein (2005) verificamos que o efeito da projeção psicológica é o processo pelo qual encontramos uma aproximação maior na busca de um elemento comum entre as partes conhecidas e desconhecidas do ser humano, tal como a água para o iceberg. A projeção segundo Jung ocorre sempre na relação com as outras pessoas. Tudo aquilo o que percebemos nas outras pessoas como negativo e tendemos a ignorar ou a rejeitar, constituem, também, conteúdos inconscientes de nossa psique. Da mesma forma, tudo aquilo que admiramos como positivo nas outras pessoas e tendemos a exaltar e buscar, também constitui conteúdos inconscientes de nossa psique. A projeção, desta forma, possibilita que percebemos de forma consciente através das ações de outra pessoa, aqueles conteúdos que são em nós inconscientes. Ford (2005) reforça o efeito da projeção de Jung ressaltando a tendência do Universo em colocar em nossas vidas, pessoas que nos sirvam de espelho e nos façam enxergar os conteúdos negados pela consciência. Dá-se ao nome deste processo, tanto para Ford (2005) quanto para Jung (2006) e Stein (2005) como processo de integração da sombra (a sombra contém os conteúdos inconscientes que foram ignorados pela consciência). Comparando com a lógica do iceberg, podemos imaginar uma situação em que dois icebergs se encontram: a parte visível de um dos icebergs consegue ver a parte visível do outro que está próximo. Na parte que é visível e conhecida a ambos, com certeza perceberemos que a parte acima da superfície de um iceberg nunca terá a mesma forma que à de outro iceberg. O efeito da projeção, analogamente, se

constituiria em um iceberg enxergar no outro algo que também é de si, mas que pertence ao domínio do que lhe é desconhecido. Este pressuposto exige que, por sua vez, a consciência de que ambos os iceberg são constituídos do mesmo elemento, a água. Neste caso, o efeito da projeção seria plenamente aplicável à lógica do iceberg, em se tratando de um elemento comum às partes conhecidas e desconhecidas.

Também em Jung (2006) verificamos que os conteúdos inconscientes podem ser explorados e também trazidos à luz da consciência, mas que, entretanto, este processo ocorre através de análise, sonhos, hipnose e manifestações de ações inconscientes. Nestes métodos, ou existe a dependência de uma terceira pessoa ou da aplicação de métodos em que a pessoa tem acesso aos seus conteúdos inconscientes, mas não, porém, de uma forma consciente. Rhoden (2001) por sua vez não apresenta como alternativa que, de forma consciente, e através do conhecido, se chegue aos conteúdos inconscientes (desconhecidos). Conforme RHODEN:

-A análise indutiva é necessária como condição -não é suficiente como causa.

-Quem quer luz solar em seu quarto deve abrir uma janela; essa abertura de janela é uma condição necessária, mas somente o sol é a causa suficiente para a iluminação da sala. A condição externa é necessária para que a causa interna possa funcionar.

-Análise mental é condição necessária para que a intuição cósmica funcione como causa.

-Para que o cosmos possa fazer sua parte, eu devo fazer a minha parte tudo funciona em permanente bipolaridade (2001, p. 105).

Em Rhoden (2001), portanto, percebemos que a vontade e busca de entendimento do desconhecido é condição para que o mesmo se manifeste. Ou seja, é algo que se move do desconhecido para o conhecido quando este se coloca disponível. Observamos assim que, também neste caso, não percebemos um caminho consciente de acessar aquilo de desconhecemos de nós mesmos. Em CASTANEDA, também encontramos a dependência de um terceira pessoa:

Tudo o que fiz você passar, cada uma das coisas que lhe mostrei eram apenas um estratagema para convencê-lo de que há mais coisas do que os olhos podem ver. Não precisamos de ninguém para nos ensinar feitiçaria, porque de fato não há nada para aprender. O que necessitamos é de um mestre para nos convencer de que há um poder incalculável ao alcance de nossos

dedos. Que paradoxo estranho! Cada guerreiro na trilha do conhecimento pensa, em um momento ou outro, que está aprendendo feitiçaria, mas tudo o que está fazendo é permitindo a si mesmo ser convencido do poder oculto que existe em seu ser e de que pode alcançá-lo (2006, p.11).

O efeito da projeção constitui-se, dessa forma, no meio verificado que nos permite ter acesso aos nossos conteúdos inconscientes de forma consciente. No iceberg, quando consideramos a água como um elemento comum entre a parte conhecida (emersa) e a parte desconhecida (submersa e oceano), podemos dizer que haveria lógica em afirmar, mesmo que hipoteticamente, que um iceberg poderia fazer uso da projeção para ter acesso a aquilo que desconhece de si mesmo. Também podemos considerar assim, através da projeção de Jung, a existência de um elemento comum na parte que lhe é conhecida (consciente) e desconhecida (inconsciente). Isso quer dizer que toda a manifestação, tudo o que podemos perceber com os nossos sentidos, seja manifestação do nosso inconsciente pessoal ou coletivo, ou atos resultantes de conteúdos que já se tornaram conscientes, podem ser utilizados na projeção como forma de identificar aquilo que ainda nos é inconsciente. Ou seja, aquilo que projetamos de forma inconsciente nos outros nos provoca desconforto, pois está relacionado a um conteúdo que nosso consciente rejeitou (seja ele positivo ou negativo). O importante, relacionado à projeção, é que podemos fazer uso consciente dos conteúdos inconscientes que projetamos nas outras pessoas, sejam eles originados do inconsciente pessoal ou coletivo. Desta forma, podemos associar o efeito da projeção na natureza humana, com a lógica do iceberg em relação ao elemento água. A água, que o iceberg pode perceber na superfície dos outros icebergs, é a mesma água que pode ser encontrada na superfície (consciente), na parte submersa (inconsciente pessoal) e no oceano (inconsciente coletivo).

Vimos assim, que partindo de um elemento comum, como a água para o iceberg e o conteúdo projetado na outra pessoa para o ser humano, podemos buscar um conhecimento daquilo que nos é desconhecido. Temos uma lógica em que o comportamento humano se assemelha ao do iceberg e, esse comportamento, essa lógica, permite que o homem possa conhecer aquilo que ainda não é consciente para ele: seus conteúdos pessoais e coletivos. Assim, podemos agora partir de uma nova premissa entre a lógica do iceberg e o homem. Esta premissa consiste em:

1. Tanto o iceberg quanto o homem são formados por uma parte é conhecida e por outra parte que é desconhecida. A parte desconhecida é sempre muito maior que a parte conhecida;
2. Tanto o iceberg quanto o homem são orientados por algo que é de domínio da parte que é desconhecida;
3. Tanto a água para o iceberg e o oceano, como também o homem, são constituídos

de um elemento comum. Esse elemento, que pertence tanto ao domínio do conhecido quanto ao domínio do desconhecido, permite que possamos identificar em nossos semelhantes aspectos desconhecidos de nós mesmos.

Parece-nos agora que, a nova premissa que incorporamos à lógica do iceberg através do elemento água abriu uma nova perspectiva: seria o ser humano um eterno iceberg quando existe a possibilidade destes conhecer aspectos de si mesmo, antes desconhecidos? De fato, apenas a possibilidade de trazer à consciência nossos conteúdos inconscientes nos dá uma nova percepção da realidade: não somos apenas aquilo que pensamos que somos e, também, podemos ser muito mais do que pensamos ser. Apesar de não ser tarefa fácil, conforme Jung percebemos que:

Consciência e inconsciente não constituem uma totalidade, quando um é reprimido e prejudicado pelo outro. Se eles têm de combater-se, que se trate pelo menos de um combate honesto, com o mesmo direito de ambos os lados. Ambos são aspectos da vida. A consciência deveria defender sua razão e suas possibilidades de autoproteção, e a vida caótica do inconsciente também deveria ter a possibilidade de seguir o seu caminho, na medida em que o suportarmos. Isto significa combate aberto e colaboração aberta ao mesmo tempo. Assim deveria ser evidentemente a vida humana. É o velho jogo do martelo e da bigorna. O ferro que padece entre ambos é forjado num todo indestrutível, isto é, num Individuum (2000, p.281).

Independente da tarefa de explorar os conteúdos inconscientes ser difícil, segundo Jung (2000), ela também equivale, em proporção, à tarefa de se querer encher uma piscina com contagotas. Entretanto, o que nos parece fundamental é a existência desta possibilidade, de explorar aquilo que nos é desconhecido que, efetivamente, pode fazer com que o homem transcenda o iceberg, por mais difícil que seja. Consideradas as dificuldades do processo, o que precisamos refletir é que mudanças efetivamente podem ocorrer em nossa realidade quando podemos explorar nossos conteúdos inconscientes? Quais aspectos são possíveis ou não de serem, e que aspectos não podem ser mudados? Na condição de icebergs, poderíamos dizer que o que podemos mudar é aquilo que reconhecemos como sendo de nossa existência, ou seja, nossa parte conhecida e emersa do iceberg e também nossa parte desconhecida e submersa do iceberg. Como poderia um iceberg atuar sobre o Oceano, elemento que, embora oriente sua direção e velocidade, ainda é um elemento externo a ele? Conforme Jung, verificamos que embora seja o objetivo integrar aspectos de nosso desconhecido coletivo, ele ao mesmo tempo não deixa de representar algo dissociado de nossa existência.

Assim criaríamos um estado de dissociação, permanente, isto é, uma cisão entre a psique individual e a psique coletiva. De um lado, teríamos o eu diferenciado e moderno, de outro, uma espécie de cultura negra, um estado primitivo. O estado real e atual das coisas ficaria assim exposto a uma nítida separação: por cima, a crosta da civilização, por baixo a besta de pele escura. Tal dissociação exige, contudo uma síntese imediata, e o desenvolvimento daquilo que não está desenvolvido. É imprescindível reunificar essas duas partes; em caso contrário, não haveria dúvida quanto ao resultado: o inevitável aniquilamento do primitivo, pela repressão JUNG (2005, p.88).

Entendemos, porém, que quanto mais tomamos consciência daquilo que nos é desconhecido e, tal como o iceberg, que pode alterar a realidade do que está ao seu alcance em sua parte emersa e submersa, também podemos fazer o mesmo: alterar a realidade de nossa existência através daquilo que fazemos de forma consciente e re-significar nossos conteúdos do inconsciente pessoal. Entretanto, apesar de podermos mudar a realidade de nossa existência, continuamos sendo orientados por uma parte desconhecida, o Oceano, nosso inconsciente coletivo. De que adianta então nos conhecermos e mudarmos se isso não nos dará a autonomia de nossa existência? Na lógica do iceberg percebemos que existe mais um fator que precisamos considerar: o seu processo de derretimento. Neste processo, o que era gelo se torna água e esta, novamente, retorna ao Oceano. Assim, se o iceberg pudesse mudar a qualidade da água que o constitui, tal como os humanos podem mudar sua realidade de seu consciente e inconsciente pessoal, não estaria sendo alterada, na devida proporção, a qualidade da água do oceano? Essa proporção pode parecer insignificante frente a todo o volume de água do Oceano, mas, se considerarmos que as águas derretidas de muitos icebergs, possam, durante muito tempo ter retornado ao Oceano com sua qualidade mudada por vontade do iceberg, então, podemos considerar a possibilidade de que novos icebergs já nasçam com uma água diferente daquela que constituiu os icebergs anteriores. Contando com esta possibilidade, poderíamos considerar que os homens seriam eternos icebergs? Bom, isso é algo que acreditamos depender da vontade consciente de cada ser humano em querer mudar a si mesmo e também em se responsabilizar, desta forma, com a mudança dos próximos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUNG, C.G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução Maria Luíza Appy. Petrópolis

(RJ): Editora Vozes, 2000._____. C.G. *Psicologia do inconsciente*. Tradução Maria Luíza Appy. Petrópolis (RJ):Editora Vozes, 2005.

_____. C.G. *O eu e o inconsciente*. Tradução Dora Ferreira da Silva. Petrópolis (RJ): Editora

Vozes, 2006.CASTANEDA, Carlos. *Porta para o infinito*. Tradução Luíza Machado da Costa. Rio de Janeiro (RJ): Nova Era, 1974.

_____. Carlos. *O poder do silêncio*. Tradução Antônio Trânsito. Rio de Janeiro (RJ): NovaEra, 2006.RHODEN, Huberto. *Einstein -o enigma do universo*. São Paulo (SP): Martin Claret, 2001.

_____. Huberto. *Setas para o infinito*. São Paulo (SP): Martin Claret, 2004.STEIN, Murray. *JUNG -O mapa da alma*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo (SP): Cultrix,2005.

FORD, Debbie. *O lado sombrio dos buscadores de luz*. Tradução Rosane Albert. São Paulo (SP): Cultrix, 2005.FOLSCHEID, Dominique. *Metodologia Filosófica*. Tradução Paulo Neves. São Paulo (SP):Martins Fontes, 2002.